

A ESCOLHA DE UM HERÓI (POR QUE NÃO HEROÍNA?)

Bráulio Coelho Melo (UERJ)

Profa. Dra. Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)

RESUMO: Neste trabalho, refletiremos sobre a construção do herói na Antiguidade Clássica, ao mesmo tempo que tentamos entender a relação destes com os heróis modernos. Nossa escolha de herói, contudo, não se restringe aos heróis reconhecidos como tal. Escolhemos Carlos Marighella, a personagem do cinema, e buscamos trazer divergências e convergências entre ele e dois grandes heróis da Antiguidade Clássica: Aquiles e Enéias. Uma empreitada difícil, mas possível!

PALAVRAS-CHAVE: herói; antiguidade clássica; cinema; Marighella

CHOOSING A HERO (WHY NOT HEROINE?)

ABSTRACT: In this work, we will reflect on the construction of the hero in Classical Antiquity, while trying to understand their relationship with modern heroes. Our hero choice, however, is not restricted to heroes recognized as such. We chose Carlos Marighella, the movie character, and sought to bring out differences and convergences between him and two great heroes of Classical Antiquity: Aquiles and Aeneas. A difficult task, but possible!

KEYWORDS: hero; classic antiquity; movie theater; Marighella

A proposta deste artigo, apesar de parecer uma simples proposta empolgante, torna-se uma "Odisseia", pois “escolher um herói da contemporaneidade (livro, teatro, cinema, quadrinhos...)”, parece coisa simples, fácil de ser resolvida, graças ao panteão de universos heróicos construídos por grandes instituições em nossa atualidade. Porém, há no meio de tanta força libertária de escolha, o medo de não fazer jus às heroínas e heróis que farão parte deste projeto. Ou melhor: o medo de não fazer jus ao heroísmo deixado de lado, do lado de fora de nossas escolhas. Por que essa heroína e não aquela? Por que esse herói e não aquele?

Em primeiro lugar, a empolgação que se emana, sempre quando uma proposta irreverente surge no meio de uma jornada acadêmico-científica, trazendo-nos um certo

“alívio”, como a proposta de comparar um herói da antiguidade clássica com um herói moderno, com relação a uma certa rigidez, que muitas das vezes as pesquisas exigem de nós. Como não se maravilhar, com “a sensação de momento em rede, com os pés descalços, sombra, vento e água fresca...”.

Em seguida, vamos à luta. Escolher uma personagem heróica(o) é o nosso destino acadêmico-científico, nesse momento. Será preciso traçar-lhe convergências e divergências com os heróis da antiguidade. Enfim, o porquê se escolheu essa personagem? O porquê de não haver heroínas da antiguidade? O porquê do papel secundário, de coadjuvante, das mulheres desde a antiguidade? O porquê da minha escolha? O porquê da não seleção de uma heroína de nossa atualidade: A meu ver, de observador interessado na ciência que se pretende pesquisar a *psiqué* humana, as heroínas, simbolicamente, são representadas pelas mulheres, mas, arquetipicamente, ainda reinam as representações das armas, famas e força dos heróis homens. Ou seja, levando-se em consideração os estudos científicos elaborados pela psicanálise de Jacques Lacan, ao que se refere à tábua da sexuação (“Seminário, livro XX: Mais, ainda”) - não querendo expor aqui alguns pontos críticos e questionáveis que seus estudos sobre a sexuação desencadearam... - pode-se observar que há símbolos femininos incorporando e representando arquétipos masculinos, e vice-versa. Logo, infelizmente, mesmo com tantos símbolos femininos, ainda o que predomina, nos universos e nas fantasias das heroínas e dos heróis de nossa atualidade, pelo menos nos de maiores sucesso, é a força arquetípica do patriarcado, com sua gana por conquistas, virtudes e poder de salvação. Além disso, aquelas heroínas, simbolicamente representadas pelas mulheres, que incorporam e representam o arquétipo feminino, por consequência, estarão mais divergentes do que convergentes na comparação com os heróis da antiguidade, uma vez que esse arquétipo é construído sob o esquema imaginário da “renegação”, do “dever de se ausentar para servir”. O arquétipo feminino, desde a antiguidade, está associado ao casamento, ao ser esposa/amante/acompanhante de. Então, por essas e outras, achei melhor não me frustrar, pois a frustração acabaria levando a proposta, a irreverência da atividade, para o campo da problematização e da militância. Coisa que poderia me consumir por inteiro, desmanchando em mim, de vez, o tal sonho de rede...

Feita minha escolha, prossigo, com o símbolo de herói incorporado e representado arquetipicamente no masculino. De qual universo? Bom, resolvi buscá-lo no cinema, mas, sabendo exatamente que o herói escolhido para este artigo não é somente ficção, mas, é *meta-meta*: metade ficção, metade realidade. Baseado e inspirado num livro, que, por sua

vez, é baseado em fatos reais, o herói das páginas reproduzido nas telonas, que escolho, não foi considerado “tão herói”, assim, na vida real. Ele foi encarado e combatido mais como vilão, ou seja, as pessoas o associavam mais ao terrorismo do que ao heroísmo. Isso tudo porque o herói resolveu brigar com o Estado, os famosos fardados da força armada do governo brasileiro e tornou-se inimigo nº 1 do Estado brasileiro nos primeiros anos de chumbo de uma ditadura. Sem mais, estou falando que o meu herói para esta jornada acadêmica chama-se Carlos Marighella.

Antes de prosseguir para o combate, que aguarda os passos do herói da atualidade escolhido, uma coisa precisa ser mencionada: a minha escolha não se trata de nenhuma bandeira ideológica e partidária, isto é, em favor da política institucionalizada dos partidos políticos. Minha concepção sobre os partidos políticos se baseia muito nos estudos do sociólogo e filósofo brasileiro Nildo Viana, reproduzidos na obra “O que são partidos políticos?” (2013). Então, em suma, o que reflito sobre esse tema é que, nesse universo de antagonismo institucionalmente burocrático, tipo “Tom e Jerry”, cada herói e vilão se merecem. A escolha por Carlos Marighella, como herói do meu artigo, é aproveitar a onda desencadeada pelo lance da pirataria que envolveu o filme, cuja exibição foi “vazada”. E, assim, aproveito também para afirmar que não quero defender, em nenhuma hipótese, a pirataria e muito menos ter encrencas com o Estado. Se o filme foi compartilhado devida ou indevidamente, só as pessoas envolvidas no caso o saberão, vivas ou mortas...

Carlos Marighella, em sua parte real, foi um brasileiro, que nasceu e cresceu na Bahia, filho de uma africana de descendência sudanesa, que lutou na revolta dos Malês e de um operário imigrante italiano anarquista. Logo, estava em sua veia o sangue pelas revoltas e revoluções, isto é, uma marca de sua descendência um tanto quanto revolucionária. Já o Carlos Marighella, em sua parte ficcional, das telonas de cinema, interpretado por Seu Jorge, traz uma característica mais sudestina para a personagem, no estilo e no linguajar. Além de também possuir outros tipos de “equipamentos”, tal como uma guia em seu pescoço (o próprio personagem, num momento do filme, sugere a seus companheiros e suas companheiras, que fiquem atrás dele, se não quiserem ser atingidos por bala, enquanto o herói toca em sua guia verde pendurada em seu pescoço, por ser ele filho de Oxóssi, o orixá caçador). Logo, tanto o Carlos Marighella ficcional, quanto o Carlos Marighella real, carregam suas descendências, divinas e heroicas, tal como alguns dos famosos heróis greco-latinos.

É, portanto, deste modo, que concluo a primeira etapa do meu trabalho e dou sequência a minha jornada acadêmica. Agora, que o meu herói da atualidade foi escolhido, ele seguirá sua trajetória enfrentando, em comparação, alguns heróis da antiguidade.

Aquiles x Eneias x Carlos Marighella

Baseando-me nos estudos sobre Literatura Clássica, oferecidos e ministrados pela professora Dra. Márcia Regina de Faria da Silva no curso de formação em Letras/UERJ, e também nas leituras das obras "Ilíada", de Homero, e "Eneida", de Virgílio, apresentarei, respeitando, de um modo bem tradicional, primeiramente, os heróis mais antigos, numa sequência de antiguidade. Isto é, na premissa de que "antiguidade é posto", a apresentação dos oponentes será na ordem dos mais antigos primeiros e dos mais modernos depois.

Aquiles, o herói grego, é representante dos aqueus, filho da Deusa Tétis com o rei Peleu. Descrito por Homero, na sua obra "Ilíada", como o maior herói de todos os aqueus, é sobre a ira de Aquiles que os versos épicos se desdobram, apresentando ao público a sua consagrada excelência (*areté*). Essa *areté* é destinada aos heróis de nobreza, com descendência divina, por isso não tinha somente a ver com excelência guerreira, mas também com instrução e educação moral, algo a ver com a estética e ética aristocrática. O "belo" em sua plenitude física, moral e nobre. Por conta disso, o herói Aquiles é apresentado por Homero como o maior representante dos aqueus, o de maior excelência, que consegue apoio de algumas divindades, para lutarem a favor dos gregos durante a Guerra de Tróia. Aquiles, em algum momento da Guerra, se retira das batalhas, ferido em sua *areté*, pelo rei grego Agamemnon. Ou seja, por conta própria, com sua honra machucada, o maior herói dos aqueus se retira com seus exércitos, sem se preocupar com o destino dos gregos na Guerra, que, com a sua saída, passa a seguir para o caminho da derrota. Após muitas tentativas de pedidos de retorno, incluindo as desculpas e a reconciliação de Agamemnon, Aquiles decide voltar para as batalhas após a morte de Pátroclo, um de seus mais chegados. Com a ira, uma armadura, um escudo e uma arma mais adequada, feita com a ajuda das divindades, Aquiles retorna para os campos de batalha da Guerra de Tróia e vinga a morte de Pátroclo. Aquiles, em alguns momentos, sabe que seu destino será a morte, e que isso parte da vontade divina, mas nem por isso

ele desiste de sua jornada heróica, com sua *areté* e honra, pois é deste modo que se consegue a imortalidade.

Uma das intenções de Homero, que dedicou sua epopéia à ira de Aquiles, foi resgatar o passado heróico, trazendo lendas e mitos de povos antigos que pudessem fortalecer a descendência, a linhagem heróica de seu povo na atualidade. A base da escrita, na epopéia clássica, é rememoração. Logo, na narrativa mítica encontrada na obra de Homero, a criação encontra fatos históricos e isso torna possível a verossimilhança. Afinal, a verossimilhança, tal como defendeu e definiu Aristóteles, não trabalha em cima da verdade, mas daquilo que poderia ser verdade.

Eneias, o herói greco-romano, cantado por Virgílio, durante o período augustano, é filho do príncipe troiano Anquises com Afrodite, que, pelo sincretismo romano, se associou a Vênus. Eneias, assim como Aquiles, também vinha de descendência heróica e divina, um herói representante da nobreza da época. Falando no herói aqueu grego, Eneias esteve ao seu lado, mas, no lado oposto durante a Guerra de Tróia. Ou seja, Eneias e Aquiles já fizeram *crossover*, quando Homero apresentou Eneias lutando ao lado dos troianos, os inimigos dos gregos, durante a Guerra de Tróia. O herói tem sua aparição em “Ilíada” e, com particularidades, Homero descreve-o como o segundo maior herói troiano, perdendo seu posto apenas para Heitor, o assassino de Pátroclo, filho do rei Príamo, primo de Anquises, pai de Eneias. Ele, em vários momentos da obra homérica, é defendido e protegido por algumas divindades, por ser ele também um predestinado, a seguir sua jornada heróica: depois do cavalo de Tróia, um macete “apelão” dos gregos, que virou o jogo contra os troianos, trazendo-lhes a derrota, Eneias, ao lado de seu pai, sua esposa, seu filho, alguns e algumas refugiadas troianas fogem para uma peregrinação, que será o caminho para a salvação de seu povo. Eneias, herói com descendência divina, torna-se o encarregado de fundar uma nova cidade troiana, uma nova Tróia. E é nessa missão que ele se envolve em várias aventuras, batalhas, dificuldades, amores e devoção, até concluir sua missão. Depois de concluída, o herói desaparece, misteriosamente, depois de uma tempestade. Essa nova Tróia, a cidade de Lavínio, portanto, é encarada por Augusto como parte da dominação que culminaria na construção do que se tornaria Roma, logo, seu povo romano era descendente dos troianos, indiretamente.

Virgílio aproveitou a origem de Eneias para trabalhar com a ancestralidade e a descendência nobre e divina de seu povo. Ou seja, do mesmo modo que Homero, ele tentou alinhar a descendência de seu povo com os heróis, a nobreza e as divindades do passado. Augusto, o grande imperador de Roma, grande financiador da obra de Virgílio

e a maior autoridade em Roma, no seu mais alto cargo adquirido, precisava manter sua soberania diante dos povos submetidos ao domínio de Roma. Logo, essa descendência grega, que apesar de dominada, a Grécia ainda servia de grande inspiração filosófica para os romanos. Isso ajudou a trazer a afirmação do poder de Roma. Foi o período greco-romano, portanto, onde a decadência grega foi utilizada como força ancestral rememorada para elevar o brio de Roma. Deste modo, a narrativa mítica encontrada na obra virgiliana também se “enrosca” em muitos fatos históricos e sua verossimilhança se debruça na possibilidade do cruzamento de toda essa linhagem heróica. Mas, diferentemente dos heróis da época grega, Eneias é um herói obstinado e corajoso, a cumprir com seu destino. Seu respeito e sua louvação às divindades é notável, então, mesmo ferido ou machucado, seja fisicamente ou moralmente, Eneias nunca abandona suas lutas. Não existe a possibilidade de fazer as coisas por conta própria. Ele sabe que há uma engrenagem maior que rege as coisas, um determinismo que condiciona as pessoas e os destinos. Sua maior virtude, em sua descendência heróica, nobre e divina, é a *pietas*, coisa que não existia em comparação à *areté* grega de Aquiles.

Carlos Marighella ficcional - nomearei o meu herói como Carlos Marighella ficcional, para não se confundir com o Carlos Marighella real - é, como se apresenta no filme, integrante de uma frente armada que lutou e resistiu contra os militares durante o início da ditadura, em meados da década de 60 do século passado. Ele é um homem bastante respeitado e instruído, que é apresentado como poeta, em alguns momentos. Uma figura da intelectualidade francesa da época chega a entrevistá-lo, por se tornar um símbolo de resistência e intelectualidade no mundo. Por conta de sua luta, Carlos Marighella ficcional vive sua vida escondido e isolado do contato com seu filho, sua esposa e entes queridos.

Num dado momento, o herói do filme se desentende com o partido político em que é filiado e se afasta do grupo, seguindo por conta própria com sua frente armada. Sua ira contra a repressão e a ascensão militar é o que o leva a assumir uma posição armada. Ele, por se assumir como um guerrilheiro, é considerado como o líder revolucionário diante das autoridades, que se impõem contra ele e a juventude que se alia ao seu movimento armado. Logo, Carlos Marighella ficcional torna-se o inimigo nº 1 do oficial militar Lúcio, representante do Estado, representado por Bruno Gagliasso, seu antagonista vilão. Sob essas condições, o herói do filme prefere só se corresponder com seu filho por cartas, dando indícios de sua habilidade na escrita, para não o envolver em nenhuma retaliação do governo. Ele sabe que seu destino será a morte, se ele continuar

em sua jornada heróica de luta armada. Mas, muito motivado pela libertação de seu povo, contra a repressão e a censura militar e pensando num futuro mais justo, livre e adequado para seu filho, o herói do filme, Carlos Marighella ficcional insiste em seguir com sua luta armada, até ser capturado, numa emboscada militar e ser assassinado.

A verossimilhança aparece na obra, não para nos apresentar a verdade sobre o ocorrido, mas, para nos apresentar uma possível ocorrência sobre os fatos, bem parecida com a proposta presente em “Eneida”. Logo, fatos históricos misturam-se com narrativas míticas e fabulosas, na construção do filme sobre Carlos Marighella real. A rememoração, o resgate das histórias lendárias do passado, características presentes nas epopéias clássicas, também aparecem na elaboração do filme.

Pontuações Finais

Na disputa comparativa entre as trajetórias heróicas de Aquiles x Eneias x Carlos Marighella (ficcional), os três acertaram “golpes” convergentes no que diz respeito à apresentação da história dos heróis *in media res*, porém, esses “golpes” encontram divergências, quando se compara o fio condutor desta obra: a ira. O público é apresentado, isto é, é introduzido na história de Homero, em “Ilíada”, já com a apresentação da ira de Aquiles e o motivo de sua ira foi a mancha em sua *areté*, que o levou a sair da Guerra de Tróia, com seus exércitos, e, em consequência disso, acabou desencadeando na morte de Pátroclo. A ira também aparece em Carlos Marighella ficcional. A narrativa apresentada no filme, que também acontece *in media res*, introduz a platéia numa cena de ação armada, que acaba por ser justificada, ao longo do filme, pelo motivo dessa ira, isto é, a revolta em ter que aceitar a repressão e censura da ditadura imposta pelos militares, através de um golpe de Estado. Já Eneias, o herói romano virgiliano, se esquia dessa ira: esse sentimento não serve para que o mesmo trilhe seu predestinado caminho. O abandono aos seus aliados também é outro aspecto que se converge, como “golpes certos”, entre Aquiles e Carlos Marighella ficcional, mas, Aquiles abdicou de lutar por conta própria, isto é, após ter sua *areté* manchada, ele não voltou a pisar nos campos de batalha, por se sentir muito ofendido, já Carlos Marighella ficcional, nunca abandonou sua luta, mesmo após seu desentendimento com seus semelhantes. Ele, com sua frente armada, conquistou e conseguiu vencer algumas batalhas, ao lado de pessoas adeptas e aliadas ao seu partidatismo. Desta vez, Eneias também aplica seu “golpe” certo de abandono, mas, seu único abandono diz respeito às paixões, que o desvirtuariam de sua

missão principal. Ambos os heróis, o grego e o brasileiro, também aplicaram “golpes” certos na certeza de sua morte e, novamente, receberam a “contragolpe” suas divergências: Aquiles desejou morrer em combate, pois isso lhe traria ainda mais glória a sua *areté* e, deste modo, ele poderia alcançar a imortalidade. Carlos Marighella ficcional também desejou morrer em combate, se assim fosse preciso, não para atender uma necessidade pessoal e particular, mas pela libertação e pelo bem social de seu povo. Nesse ponto, enquanto Carlos Marighella golpeia Aquiles, em convergência, ele acerta Eneias: ambos possuem um bem maior que os leva para seus destinos finais, sem se aterem à morte. Mais golpes: Aquiles e Eneias eram representantes do alto nível social, isto é, eram representantes da casta, maiores heróis de seus povos. Contra-golpes: Carlos Marighella ficcional, apesar de ser poeta (cargo destinado às pessoas instruídas e de descendência aristocrática), é negro, filho de santo e se apresenta como representante da prole. Logo, enquanto aqueles eram representantes da nobreza, esse era representante do povo. Bloqueios, proteções e escudos: Aquiles, após ceder sua armadura, sua arma e seu escudo a Pátroclo, que é morto em combate, recebe novos equipamentos do Deus Hefesto, grande ferreiro e inventor da morada divina, isto é, o Olimpo. O Deus ferreiro produz, a pedido da mãe de Aquiles, a Deusa Tétis, e é ela quem entrega ao seu filho herói sua nova armadura, sua nova arma e seu novo escudo. O escudo novo de Aquiles reflete os conhecimentos geográficos, astronômicos e algumas tradições do tempo de Homero, como rituais de festa e também cenas memoráveis de glória e prestígio do povo grego. Eneias, de modo bem semelhante ao de Aquiles, também recebe um escudo de uma divindade, no caso, o deus Vulcano (correspondente sincrético com o Hefesto). Seu escudo presenteado também reflete as tradições antigas, mas, principalmente, alinha essa tradição a feitos históricos que autorizam e legitimam a ascensão romana, triunfante na propagação da justiça e da civilização sobre outros povos. A única proteção que Carlos Marighella ficcional carrega consigo é sua guia verde, por ser ele filho de Oxóssi, o orixá caçador. É a proteção, o escudo que o livra das balas, conforme foi dito pelo próprio herói, numa das passagens do filme e dito por mim, no início desta jornada acadêmica, durante a escolha do meu herói da atualidade. Algumas das tradições afrodiaspóricas aparecem representadas, portanto, refletidas na guia de proteção do herói do filme, trazendo para elas representatividade, coisa bem comum e marcante do tempo atual em que o filme é “lançado”, digo, “vazado”. Cenário: As trajetórias heróicas, tanto do herói grego da antiguidade, quanto do herói brasileiro da atualidade, apresentam-se em tempos de guerra. Isto é, o primeiro é guerreiro e o segundo é guerrilheiro, por isso, eles são concebidos

numa história beligerante e são retratados em tempos de guerra. Torna-se até difícil imaginar, tanto um quanto o outro numa história em que se passa em tempos de paz, se bem que é possível vislumbrar, em algumas cenas do filme, momentos de paz na vida do herói Carlos Marighella ficcional, como quando ele está dentro do mar, numa praia, ensinando seu filho, ainda criança, a nadar. Essa cena, inclusive, é carregada de lirismo. Mesmo sendo apresentado, de início, numa história em tempos de guerra, presente nos cantos da "Ilíada", a trajetória do herói romano se concentra em tempos de paz em "Eneida". Logo, Eneias é um herói que circula entre os cenários de guerra e de paz. Golpe final: Aquiles e Carlos Marighella ficcional não agiram por bondade ou por caridade. A piedade era uma das principais virtudes, "um golpe especial" de Eneias.

Parece que, entre "golpes" de convergências e "contra-golpes" de divergências, a disputa comparativa entre os heróis épicos, da antiguidade à atualidade: Aquiles x Eneias x Carlos Marighella ficcional, terminou num empate. A construção da jornada heróica, desde a antiguidade, ainda é resgatada como uma narrativa mítica, que, basicamente, ainda gosta de se "enroscar" em fatos históricos. Ela se mantém até os dias atuais, através da rememoração de alguns mitos e lendas, utilizando-se do mesmo e velho conhecido arquétipo de herói masculino de sempre, sendo reinterpretado no imaginário, com novos símbolos, construindo novas realidades. Portanto, basicamente, a luta se manteve igual.

E, mesmo que se evite, como nos rege um modo ético atual, a dar *spoilers* sobre as obras, sabemos que o final de Aquiles, exposto em outra obra de Homero, "Odisseia", foi realmente o final predestinado pelas divindades, ou seja, sua morte em combate. E seu maior defeito é resgatado, rememorizado e recordado até hoje, pelos "descendentes das tendinites nos calcanhares": Aquela maldita flecha, uma dor insuportável, bem no calcanhar de Aquiles... Eneias também cumpre sua missão, na obediência e obstinada coragem, fundando a cidade. Na atualidade, essa obstinada coragem ainda é reproduzida, ao vermos Carlos Marighella ficcional lutar, até a morte, para livrar o seu povo através de sua ira. A luta, então, se mantém empatada. Isso demonstra a força que a literatura clássica mantém até os dias de hoje, com suas narrativas míticas, ainda estimulando, como "fórmulas", criações da verossimilhança, dos contos de fada aos super-heróis da *Disney/Marvel*. A ciência ocidental moderna também se diverte bastante com essas "fórmulas", só para deixar constado que, não é só fabulação, mas também verdade científica...

Então, se os três heróis morrem, ou desaparecem misteriosamente no final, há um empate, todos vencem. Homero conseguiu contribuir um bocado para a tão aguardada

imortalidade de Aquiles, pois esse era um caminho possível para quem possuía uma *areté* tão grandiosa quanto a dele. E fez do herói um grande símbolo de representatividade, de descendência e linhagem, dos antigos gregos aos da atualidade do autor de “Ilíada”, durante a publicação de sua obra. Virgílio acabou morrendo antes mesmo de ver sua obra ser publicada, mas, Augusto, o grande imperador e financiador da epopéia de Virgílio, garantiu que o herói Eneias fosse o grande elo de ligação entre o seu povo e os grandes povos do passado. A intenção do diretor do filme, Wagner Moura, ao trazer para as telonas Carlos Marighella, talvez tenha sido a de também trazer algum tipo de imortalidade heróica para o mesmo, tal como Aquiles, tentando desmanchar sua fama de terrorista, que se mantém até hoje diante da sociedade brasileira. Talvez, sua intenção também tenha sido a de alinhar a descendência de seu povo, na atualidade, com os heróis do passado, bem como representou Eneias. O que é certo, é que sempre, em tempos de paz ou de guerra, houve um arquétipo masculino, mascarado de fantasia, para tentar nos salvar e nos defender. Com uma esposa mascarada ao seu lado.

Referências bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Série *Clássicos de bolso*. 15. ed. Ediouro, 1998.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin.

ELIADE, M. *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1963.

_____. *Mito e realidade*. Tradução de Paola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GRIMAL, P. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1997.

_____. *A civilização romana*. Trad. De Osabe; St Aubyn. Lisboa: Ed. 70, 1984.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: grega e latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, /s.d./

HOMERO. *A Ilíada*. Tradução e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, /s.d./

_____. *A Odisseia*. Tradução e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, /s.d./

HUMBERT, Jules. *Histoire Illustrée de la Littérature Latine*. Paris: Didier, 1932.

JAEGER, Werner. *Paideia: los ideales de la cultura griega*. Versión directa del alemán por Joaquín Xirau (libros I y II) y Wenceslau Rocas (libros III y IV). México: Fondo de Cultura Económica, 1957.

LACAN, Jacques (1972-1973). *Seminário, livro XX: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha Pereira. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Vol 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

_____. *Estudos de história da cultura clássica*. Vol II Cultura Romana. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. Trad. Wltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, /s.d./

VIANA, Nildo. *O que são partidos políticos?* Goiânia: Edições Germinal, 2003 - Nova edição: Brasília: Kíron, 2013)

VIRGILE. *Énéide*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Belessort. Paris: Les Belle Lettres, 1938.